

## COMPORTAMENTO FONÉTICO-FONOLÓGICO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO EM MANAUS

Flávia Santos MARTINS

Universidade Federal de Santa Catarina  
flavinhaingrid@yahoo.com.br

**RESUMO:** Nesta pesquisa investigou-se o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico, em situação formal (aplicação de questionário), no município de Manaus, utilizando os dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Foram analisados um total de 641 dados fonéticos, sendo 355 em posição medial de vocábulo e 286 em posição final de vocábulo. O que se constatou, após a análise, foi a existência de três variantes do /S/ pós-vocálico na fala dos informantes: a fricativa alveolar surda e sonora, a fricativa pós-alveolar e a fricativa glotal/aspirada. Em dados gerais, em posição medial, a fricativa alveolar e pós-alveolar apresentam uma distribuição homogênea (50,1% e 47%, respectivamente). Em posição final, a fricativa alveolar mostrou-se predominante (67,1%).

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialectologia; /S/ pós-vocálico; fonética.

### Introdução

Esta pesquisa é de cunho dialetológico: procura analisar, caracterizar e registrar um fenômeno fonético na cidade de Manaus, capital do Amazonas. A presente pesquisa caracteriza-se como um trabalho em Dialectologia Pluridimensional, uma vez que, a exemplo da sociolinguística, considera os fatores extralinguísticos que influenciam o ato da fala, como a idade, a escolaridade e o sexo.

Este trabalho investigou o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico, tanto em posição de coda medial (mesmo) quanto em coda final (mas) na cidade de Manaus (Amazonas), observando-se, dessa forma, também casos de ressilabação (casas amaraleras).

Vários estudos já foram realizados sobre esse fenômeno, como os de Dinah Callou (1996) e Alzira Macedo e Marta Scherre (1991), mostrando que nos falares do português do Brasil há uma considerável variação do /S/ pós-vocálico.

Ao que parece, a pronúncia mais difundida no Brasil e a mais conservadora é a alveolar [s, z]. A realização palatal [ʃ, ʒ] tem uma distribuição bastante limitada. Nascentes (1958, *in* CRUZ, 2004), Marroquim (1945, *in* CRUZ, 2004) e Silva Neto (1986, *in* CRUZ, 2004) apontam que apenas o Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco, Ceará e Santa Catarina apresentam essa variante.

Segundo Serafim da Silva Neto (1957), a pronúncia do /S/ pós-alveolar deriva da pronúncia pré-dorsal portuguesa, existente em Portugal na época do descobrimento e da colonização, no início do século XVI.

Como são poucos registros do falar do Amazonas e como nessa região houve forte predominância da colonização portuguesa, faz-se necessário investigar e registrar as variáveis dessa consoante que ocorrem nesse Estado, especificamente na capital.

Esta pesquisa utilizou, para a investigação do fenômeno em foco, o *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para a constituição desse *corpus* foram entrevistados nas capitais brasileiras 8 informantes, sendo 2 homens e 2 mulheres na faixa etária de 18 a 30 anos e 2 homens e 2 mulheres na faixa etária de 45 a 60 anos. Foram controlados dois níveis de escolaridade: ensino fundamental (completo ou incompleto) e ensino superior (completo ou incompleto). A seleção dos informantes seguiu ainda os seguintes critérios: pessoas nascidas e radicadas nas localidades selecionadas, com pais nascidos também nessas localidades. Os dados analisados foram retirados das transcrições fonéticas encontradas em todos os questionários que constituem o ALiB (Questionário Fonético-Fonológico, Questionário Semântico-Lexical, Questionário Morfosintático, Questionário de Pragmática, Temas para discurso dirigido). Vale ressaltar que foi considerada para análise a repetição de palavras.

### 1. O /S/ pós-vocálico: Brasil

Desde o século XVI, muitos estudos sobre o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico vêm sendo realizados no Brasil. Vários linguistas mostram que há nos falares do português brasileiro uma considerável variação desse fonema. Segundo eles, o /S/ pós-vocálico pode realizar-se de quatro formas: como alveolar surda e sonora [s, z], como pós-alveolar surda e sonora [ʃ, ʒ], como aspirada [h, ð] e como zero fonético [∅].

Silva Neto (1960), em *A Língua Portuguesa no Brasil*, no que diz respeito ao consonantismo, discute sobre o problema do sistema das sibilantes. Segundo ele, até o século XVI não se confundiam, na pronúncia padrão, nem as palavras escritas com *-s* e *-z* nem aquelas grafadas com *s* surdo, *ss* e *ç*. Atualmente, palavras como *coser* e *cozer*, *passo* e *paço* são consideradas homófonas.

As palavras escritas com *s* surdo, *ss* e *s* eram pronunciadas com o chamado **s apical**: profere-se com a parte anterior, um tanto côncava, da ponta da língua nos alvéolos superiores.

As palavras escritas com *c*, *ç* e *z*, letras que a princípio representavam as africadas *tç* e *dz*, eram pronunciadas com o chamado **pré-dorsal**: profere-se com a língua convexa, encostando a ponta à parte interna dos incisivos inferiores.

Silva Neto (1960) elucida ainda que a partir do século XVI, numa ampla área do Sul de Portugal, houve uma generalização das pré-dorsais. Essa pronúncia foi a que se tornou padrão da língua portuguesa. O *s* apical, geralmente conhecido como *s* “beirão” era considerado um rusticismo e chocava a fala das pessoas cultas.

O autor ressalta que para o Brasil vieram não só colonizadores que em seu sistema linguístico usavam sibilantes do tipo pré-dorsais (provenientes do Sul de Portugal), mas também um grande número que distinguia quatro sibilantes (duas apicais e duas pré-dorsais) e um apreciável contingente para os quais só havia sibilantes apicais. A pronúncia que se generalizou no país foi a do sistema de pré-dorsais. A apical não se generalizou, segundo Serafim da Silva Neto (1960), por ser “eminentemente um fonema instável”.

Scherre e Macedo (1991), quatro décadas depois, analisaram o /S/ pós-vocálico na fala carioca. Um traço bem perceptível pelos falantes de outras regiões do Brasil é que o carioca “chia”, porém, como as autoras mostram, não é somente a pós-alveolar [ʃ, ʒ] que ele usa: o /S/ pós-vocálico pode realizar-se como uma alveolar [s, z], como pós-alveolar [ʃ, ʒ], como aspirada [h, ð] e como zero [∅].

As autoras abordam a questão da variação e mudança com base na análise da pronúncia do *s* não-morfêmico, nas quatro realizações acima mencionadas.

Para essa análise, as autoras partem de algumas indagações: está-se diante de um processo de mudança? Essa mudança anda na direção de um enfraquecimento, com a

consequente simplificação do padrão silábico CVC em CV? Existe relação entre as pronúncias do *s* não-morfêmico e o problema do *s* morfema de plural, que também pode cair na regra de concordância nominal, por intrincadas questões de ordem morfosintática e discursiva?

Como explicar a variação? Motivos de ordem articulatória, de fonologia natural, ou motivos de *ordem lexical* serão os melhores para explicar o que ocorre com o *s*?

Quanto aos resultados globais, perceberam a frequência das quatro pronúncias na fala carioca: a pós-alveolar, de fato, é a pronúncia mais característica, com 63% dos casos; a alveolar fica em segundo, com 23%; as formas menos frequentes são a aspirada, com 6%, e o zero fonético, com 8%.

No que diz respeito ao processo de mudança, observaram que há um reforço da pós-alveolar, e não o esperado enfraquecimento gradativo que culminaria com a simplificação do padrão silábico.

Canovas (1991) desenvolveu como dissertação de Mestrado o estudo da variação fônica do /S/ pós-vocálico e das fricativas em início de sílaba na cidade de Salvador (Bahia). No que se refere ao /S/ pós-vocálico, foco deste trabalho, foram quatro as formas fonéticas de /S/ detectadas em pares surda/ sonora *versus* contexto fônico posterior:

1. A alveolar [s, z], tida como padrão, conservadora;
2. A pós-alveolar [ʃ, ʒ], tida como carioca e de prestígio;
3. O zero fonético [ø], associado à fala rude e rural;
4. A aspirada [h, ð], tida como inovadora.

Foram analisados, nessa pesquisa de Canovas (1991), 3.547 dados de /S/ na fase sistemática, colhidos da fala de 45 informantes (gravados em 17 fitas cassetes), distribuídos em três segmentos de escolaridade (1º grau completo ou não, 2º grau completo e 3º grau completo) e três de idade (13- 20 anos, 21- 45 e 46- 70). Na etapa da fase assistemática, foram colhidos 99 casos da variante aspirada, flagrados em pronunciamentos de políticos e de pessoas influentes na sociedade, transmitidos pela TV.

A análise desses dados mostrou a hegemonia da alveolar em todos os contextos, exceto diante das soantes /m/ e /l/, posição em que a aspirada foi superior. Houve um empate entre a alveolar e a aspirada diante da vibrante /R/. A maior variação da aspirada diante de /m/ deu-se devido à alta frequência da palavra “mesmo” [mefimu].

A *aspirada* teve pequena variação em distribuição pelas três categorias de idade, sendo mais usada pelos mais velhos, seguidos dos mais jovens e depois dos de idade intermediária. Dessa forma, não foi confirmada a hipótese de que a aspirada é uma forma inovadora. Os mais jovens também usaram mais a apagada.

Callou e Moraes (1996), baseados no elevado grau de polimorfismo do fonema /S/ pós-vocálico, procuraram estabelecer uma delimitação de áreas dialetais nas cinco capitais do Projeto NURC/ Brasil: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, a fim de verificarem uma coincidência na distribuição de suas áreas de ocorrência.

Foram analisados, segundo a metodologia sociolinguística quantitativa laboviana, trinta inquéritos do tipo diálogo informante e documentador (DID) do *corpus* do Projeto NURC/ Brasil, distribuídos por área geográfica: Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife; faixa etária: 1- de 25 a 35 anos, 2- de 36 a 55 e 3- de 56 em diante e sexo.

Quanto à distribuição geográfica, os autores explicitam que São Paulo e Porto Alegre apresentam uma distribuição das variantes praticamente idêntica, com predomínio absoluto da realização alveolar. No Rio de Janeiro, por outro lado, predomina a realização pós-alveolar (82,5%). Comporta-se Recife de forma semelhante (69,5%). Salvador, por sua vez, apresenta uma distribuição homogênea das duas variantes (45% de alveolar x 44% de pós-alveolar).

Observa-se, assim, uma oposição Sul/ Norte, caracterizando-se a primeira dessas regiões pela não palatalização.

Quanto à distribuição por contexto do fonema /S/, observaram uma tendência consistente no sentido da palatalização em posição medial. Assim, há um aumento dos percentuais de palatalização de 5% a 9% em São Paulo, de 3% a 23% em Porto Alegre, de 75% a 90% no Rio de Janeiro, de 32% a 56% em Salvador e de 55% a 84% em Recife.

Como os percentuais de queda e aspiração são insignificantes, os pesquisadores concentraram-se no processo de palatalização, em relação à interação sexo/ faixa etária. Delineia-se, em SP e POA, uma curva de variação estável, com comportamentos diferenciados por sexo. O mesmo ocorre no RJ e RE, com percentuais que indicam a palatalização. Salvador apresenta um comportamento singular: percentuais intermediários, com uma curva de variação estável para os homens e de mudança em favor da palatalização para as mulheres (ápice de frequência na faixa mais jovem).

Os pesquisadores ressaltam que as normas de pronúncia do /S/ apontam para um processo de posteriorização de ponto de articulação, de alveolar para palatalizada e laríngea, opondo uma área em que a norma da pronúncia é a não-posteriorização a outra área em que a regra de posteriorização atua fortemente, com uma sub-área, que corresponde a Salvador, com ambas as realizações.

Brescancini (2003) buscou no seu estudo caracterizar as consoantes palato-alveolares [ʃ, ʒ] no conjunto das consoantes palatalizadas. Mostra, ainda, que a variante palato-alveolar tende a ser mais favorecida por contextos que promovam a retração do corpo da língua (e[ʃk]ama) e o levantamento desse articulador (a[ʃ]).

Como se observa, o /S/ pós-vocálico, tanto em posição de coda medial (mesmo) quanto em coda final (mas), já apresenta algumas áreas dialetais delimitadas quanto a sua realização como alveolar, pós-alveolar, aspirada e apagada. Porém, há necessidade de se expandir esse estudo. No Amazonas, por exemplo, faz-se necessário investigar e registrar as variantes dessa consoante, dando continuidade à pesquisa dialetológica iniciada no projeto do Atlas Linguístico do Amazonas (doravante ALAM), tendo em vista a não-existência de registros do falar dessa região.

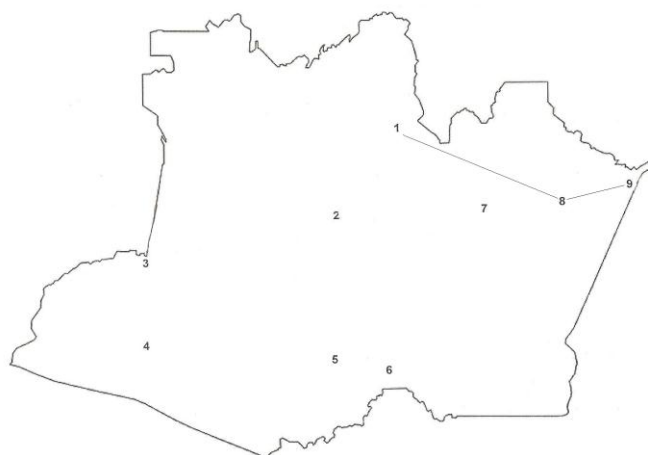
## 2. O /S/ pós-vocálico no Amazonas

No Amazonas, não há tradição de pesquisas dialetais. Com a elaboração do ALAM (CRUZ, 2004), houve uma significativa contribuição para o conhecimento do falar da região, por ter sido realizado um registro sistemático do modo de falar do Amazonas, que até o início do século não se conhecia.

Nessa pesquisa, foram investigados 9 municípios, considerados os mais representativos para o Estado, num total de 54 informantes, 6 em cada município, sendo 3 homens e 3 mulheres, divididos em 3 faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante e um dos fenômenos observados, foi a realização do /S/ pós-vocálico. Cruz (2004) constatou que, nos municípios investigados: Barcelos (localidade 1), Benjamim Constant (localidade 3), Eirunepé (localidade 4), Humaitá (localidade 6), Itacoatiara (localidade 8), Lábrea (localidade 5), Manacapuru (localidade 7), Parintins (localidade 9) e Tefé (localidade 2), há uma predominância das variantes fricativas alveolares [s, z].

Constatou-se, também, que há áreas linguísticas diferenciadas na realização do /S/ pós-vocálico. Segundo a pesquisadora, parece haver aspectos linguísticos diferenciados entre os falares dos rios Negro/ Amazonas e Solimões, pois observou a realização categórica do /S/ com variante pós-alveolar nas localidades de Barcelos (1), Itacoatiara (8) e Parintins (9) e

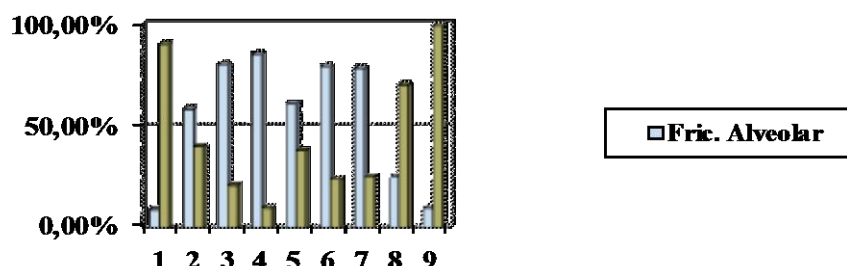
uma frequência maior da variante alveolar nos demais municípios. A partir disso, foi possível traçar no ALAM, a guisa de hipótese, uma isófona.



**Isófona em relação ao /S/ pós-vocálico no Amazonas (ALAM)**

**Figura 1**

Cruz (2004) apresenta um gráfico, organizado com base nas oito cartas linguísticas em que o /S/ ocorre em contexto medial (interno) de vocábulo, em que se comprova sua hipótese.



**Variantes de -S pós-vocálico interno por localidade**

**Gráfico 1**

Cruz (2004), ainda, verifica se a variante pós-alveolar se distribui homogeneamente pela fala dos indivíduos da área em que ocorre. Constatou que a localidade de número 8 difere das demais (1 e 9) pelo fato de as faixas etárias 2 e 3 apresentarem índices de pós-alveolares (respectivamente 67% e 50%) bem diferentes dos da faixa 1 (100%), que se identifica com a mesma faixa de Barcelos (também com 100% de ocorrências).

Em relação à faixa etária nas nove localidades, verifica-se que os mais jovens são os que mais implementam a variante pós-alveolares, embora com índice (54%) não muito diferente dos que se registram nas demais faixas (2, com 45% e 3, com 46%).

No que se refere à variável gênero, Cruz (2004) mostra que a diferença não é muito significativa, embora as mulheres (54%) se utilizem mais das variantes pós-alveolares do que os homens (46%).

A fim de averiguar a hipótese formulada no ALAM foi utilizado, em uma pesquisa de iniciação científica (*A pronúncia do /S/ pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant*, PIBIC 2005/2006) por esta pesquisadora, uma parte do *corpus* coletado para a elaboração desse Atlas, que ainda não havia sido analisada: a **conversa livre**, situação em que se consegue obter uma fala mais espontânea por ser uma conversa informal (o informante fala sobre sua vida, sobre algo de que tem conhecimento: lendas, festas da sua cidade, etc). Segundo Tarallo (2003), a melhor maneira de se obter a naturalidade da fala é deixar o falante à vontade, sem que ele se preocupe com o *como* falar.

Na referida pesquisa foram investigados os seguintes municípios amazonenses: Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant. A análise dos dados dessa pesquisa mostrou que as regiões do rio Negro, Amazonas e Solimões apresentam áreas linguísticas diferenciadas: Barcelos, Itacoatiara e Parintins, caracterizam seu *modo de falar* pela realização da variante pós-alveolar e Tefé, Benjamim Constant e Manacapuru pela realização da variante alveolar. Vale lembrar, que em posição medial a pós-alveolar foi um pouco mais predominante nesses municípios. Isso se deve ao condicionamento do contexto seguinte: diante de [t] o /S/ pós-vocálico realizou-se como pós-alveolar e diante de [p] e [k] como alveolar. Vale observar, ainda, que o último município mencionado (Manacapuru) produz a pós-alveolar com maior frequência que os demais (Tefé e Benjamin). Deve-se isso, provavelmente, ao fato de esse município estar próximo às localidades que têm um forte predomínio dessa variante.

O que se pôde concluir com isso é que os dados dessa pesquisa confirmaram o que Cruz (2004) observou ao fazer a análise desse mesmo fenômeno através da **aplicação de questionário** (perguntas e respostas objetivas). Dessa forma, tanto em situação formal (questionário: situação tensa) quanto em situação informal (conversa livre: situação menos tensa), os informantes produzem as mesmas variantes.

Vale lembrar, ainda, que no par [s, z], a fricativa alveolar sonora **z**, em posição final de vocábulo, apresentou-se muito produtiva quando o contexto seguinte era uma vogal: “*eu toquei dois<sup>17</sup> anos<sup>18</sup>*”, característica comum no ato da fala.

Como pôde se observar nessa pesquisa, pode-se dizer que os informantes da região amazônica produzem não só as variantes pós-alveolar e a alveolar, mas também as outras duas variantes do /S/ pós-vocálico: a fricativa glotal/aspirada e o zero fonético.

A utilização da variante glotal/aspirada deve-se ao fato de o contexto seguinte apresentar-se como uma consoante sonora: [d] e [m], sendo mais recorrente na produção da palavra “mesmo”.

A utilização do zero fonético, por sua vez, deveu-se a questões morfossintáticas: casos que dizem respeito à Concordância Nominal e Verbal. Por exemplo: “*ai... meus<sup>23</sup> irmão<sup>24</sup> iam lá... e cada um trazia (...); “tinha cento e cinquenta ano<sup>75</sup> ...”;* “*um passeio... nós<sup>6</sup> fô/fizemo<sup>7</sup>... viagem (a)*”.

### 3. Resultados

Através da análise dos dados, no que diz respeito à investigação das variantes do fonema /S/ em Manaus, pode-se afirmar que três variantes ocorrem na fala dos informantes entrevistados: a fricativa alveolar surda e sonora, a fricativa pós-alveolar surda e sonora e a fricativa glotal/aspirada surda e sonora.

Nas seções seguintes, tem-se: primeiro, a distribuição do /S/ pós-vocálico a partir do resultado global e, em seguida, levando-se em consideração os fatores extralinguísticos para melhor compreensão dos resultados.

### 3.1 Dados Gerais

Em posição medial de vocábulo, foram analisados 355 dados, sendo 178 ocorrências da fricativa alveolar surda e sonora, 167 ocorrências da fricativa pós-alveolar surda e sonora e apenas 10 ocorrências da fricativa glotal/aspirada surda e sonora. Abaixo, o gráfico que ilustra melhor a distribuição dessas variantes:

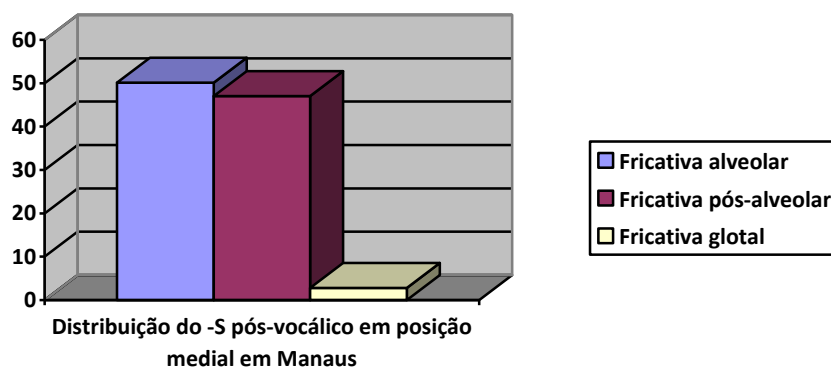


Gráfico 2

Como se observa no gráfico acima, os falantes da cidade de Manaus, de modo geral, apresentam uma distribuição homogênea das variantes: fricativa alveolar (50,1%) e fricativa pós-alveolar (47%), no contexto medial de palavra. Em relação à variante fricativa glotal/aspirada, as ocorrências foram poucas, correspondendo a 2,8% do total de vocábulos analisados. Vale ressaltar que essa variante aparece pela recorrência da palavra “mesmo”: [mefimo].

Em posição final de palavra, foram encontrados 286 dados do /S/ pós-vocálico, sendo 192 ocorrências da variante alveolar surda e sonora, 94 ocorrências da variante pós-alveolar surda e sonora e nenhuma ocorrência da variante fricativa glotal/aspirada surda e sonora. Em seguida, o gráfico ilustrando a distribuição dessas variantes no referido contexto:

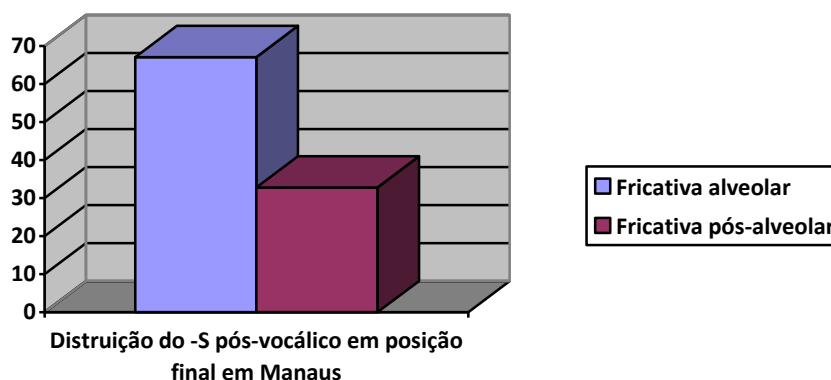


Gráfico 3

Como se observa acima, em posição final, o município de Manaus caracteriza-se pelo predomínio da fricativa alveolar (67,1%). Vale lembrar que a fricativa alveolar sonora [z], em posição final de vocábulo, apresentou-se muito produtiva quando o contexto seguinte era uma vogal: [ajzaxvuriz], característica comum no *continuum* da fala (a ressilabação é constitui um

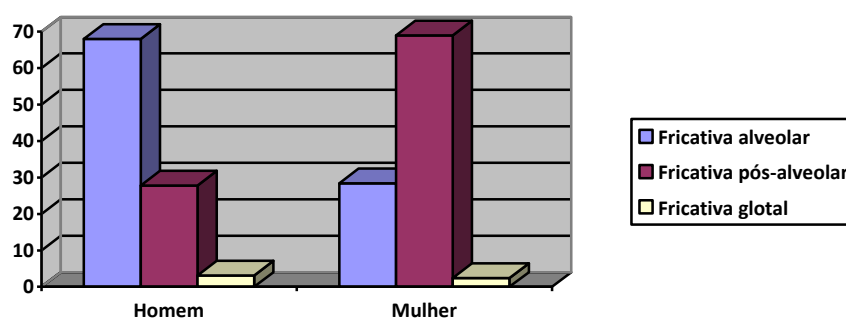
fenômeno geral no Brasil). A fricativa pós-alveolar aparece com índice de 32,8% do total das ocorrências.

### 3.2 Fatores extralinguísticos

Considerando os fatores extralinguísticos controlados no ALiB, foram encontrados os seguintes resultados:

#### 3.2.1 Sexo

No que se refere à dimensão diasssexual, o /S/ em posição medial teve a seguinte distribuição:

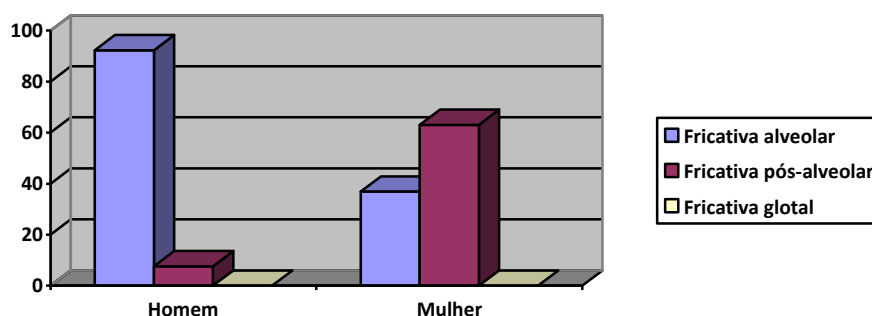


Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição medial no que se refere ao sexo

Gráfico 4

O que se observa no gráfico acima é que os homens utilizam com mais frequência a fricativa alveolar (68%), enquanto as mulheres utilizam, predominantemente, a fricativa pós-alveolar (69%). Em relação à fricativa glotal/aspirada há uma distribuição homogênea tanto na fala dos homens quanto na fala das mulheres (3,1% e 2,4%, respectivamente).

Em posição final, as variantes do /S/ pós-vocálico em Manaus tiveram a seguinte distribuição:



Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição final no que se refere ao sexo

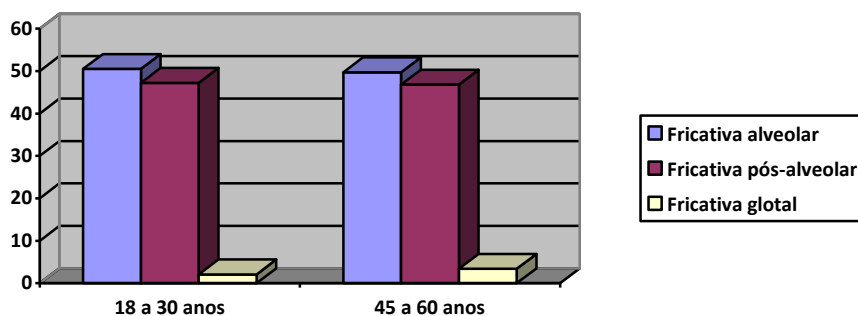
Gráfico 5



Como se observa no gráfico acima, em posição final de palavra, os homens utilizam quase categoricamente a variante fricativa alveolar (92,3%), enquanto as mulheres utilizam a fricativa pós-alveolar com mais frequência (63%). Em relação à fricativa glotal não foram encontradas nenhuma ocorrência em posição final de vocábulo.

### 3.2.2 Idade

No que se refere à dimensão diageracional, foram encontrados os seguintes resultados do /S/ pós-vocálico em posição medial de palavra:

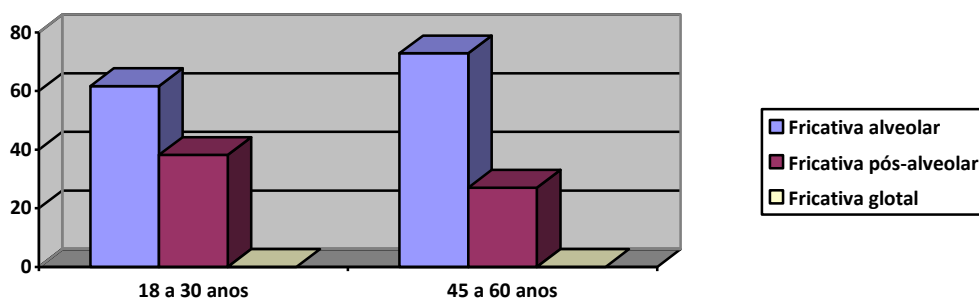


Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição medial no que se refere à idade

Gráfico 6

O que se observa no gráfico acima é que não há uma diferença significativa na distribuição das variantes fricativa alveolar e fricativa pós-alveolar tanto na fala dos mais jovens quanto na dos mais velhos (18 a 30 anos: 50,5% de alveolar e 47,2% de pós-alveolar; 45 a 60 anos: 49,7% de alveolar e 46,8% de pós-alveolar). Quanto à fricativa glotal, registra-se a baixa ocorrência dessa variante nas duas faixas etárias (2,1% e 3,4%, respectivamente).

Em posição final de vocábulo, tem-se a seguinte distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico:



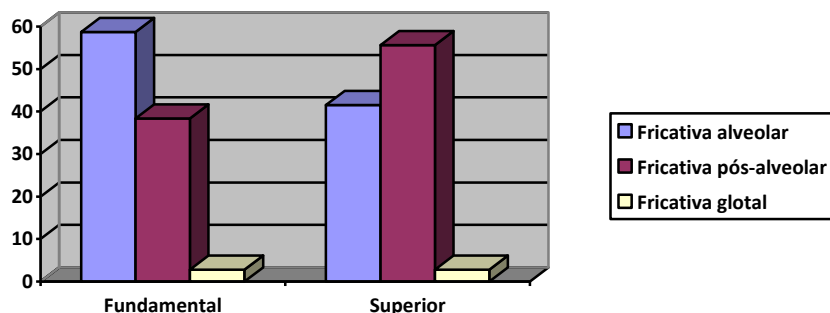
Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição final no que se refere à idade

Gráfico 7

Em posição final de palavra, conforme ilustrado acima, a variante fricativa alveolar ocorre com mais frequência nas duas faixas etárias em relação à fricativa pós-alveolar (18 a 30 anos: 61,7%; 45 a 60 anos: 72,9%). Vale ressaltar que na fala dos mais jovens a fricativa pós-alveolar aparece com um índice maior em relação à fala dos mais velhos (38,2% e 27%, respectivamente).

### 3.2.3 Escolaridade

No que se refere à escolaridade, tem-se a seguinte distribuição, em posição medial, das variantes do /S/ pós-vocálico registradas:

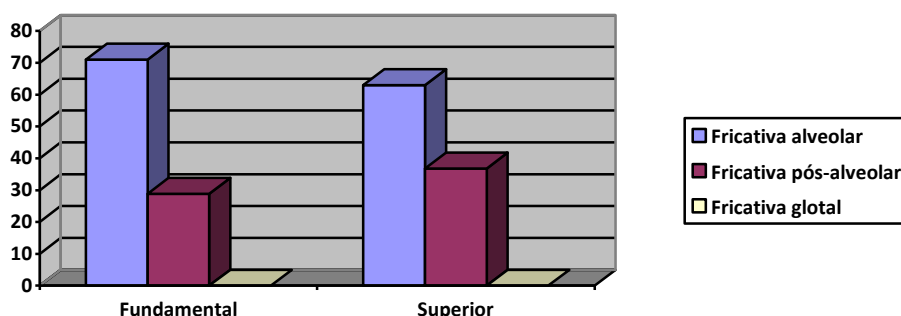


Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição medial no que se refere à escolaridade

Gráfico 8

Conforme o gráfico acima, observa-se que a fricativa alveolar ocorre com mais frequência na fala dos informantes que têm o ensino fundamental completo ou incompleto (58,7%). Já na fala dos informantes com ensino superior (completo ou não), a fricativa pós-alveolar é a variante que predomina (55,6%). A fricativa glotal aparece com a mesma frequência nos dois níveis de escolaridade (2,8%).

Em relação à posição final de vocábulo, registra-se a seguinte distribuição:



Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição final no que se refere à escolaridade

Gráfico 9

No contexto ilustrado acima, encontra-se o predomínio da fricativa alveolar na fala dos informantes dos dois níveis de escolaridade (71%, Ensino Fundamental e 63%, Ensino Superior). Ressalta-se que a fricativa pós-alveolar é utilizada com mais frequência na fala dos informantes com ensino superior (36,8%) em relação à fala dos informantes com nível fundamental (28,9%). A fricativa glotal/aspirada não foi encontrada em nenhum dos níveis analisados.

## Considerações Finais

Conforme proposto neste artigo, foi registrado e analisado o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico a fim de “caracterizar” o falar dos habitantes de Manaus no que diz respeito a esse fenômeno em particular.

Os dados analisados mostram que Manaus apresenta uma distribuição diferenciada das variantes fricativa alveolar e fricativa pós-alveolar quando observados os contextos medial e final de palavra. No primeiro contexto, não há uma diferença significativa da realização dessas variantes. Já no segundo contexto, conforme ilustrado no gráfico 3, a fricativa alveolar mostrou-se mais recorrente. Isso se deve ao fato de em posição medial encontrar-se um ambiente condicionador do uso da fricativa pós-alveolar: o /S/ em coda silábica antecedendo, principalmente, a oclusiva alveolar surda [t], como, por exemplo, em [iʃ'tradɐ] (dado do informante Homem, 18 a 30 anos, ensino fundamental) e, também, quando seguida da oclusiva velar surda [k], como, por exemplo, em ['kaʃkɐ] (dado do informante homem, 18 a 30 anos, ensino superior). Em relação a esse último ambiente fonético, Brescancini (2003) mostra que o /S/ em coda silábica tende a se palatalizar quando há contextos que favoreçam a retração do corpo da língua, conforme já discutido na seção 2.

Em relação aos fatores extralinguísticos observados, um dos fatos que chamou a atenção diz respeito ao sexo: as mulheres utilizam com mais frequência a variante pós-alveolar tanto em posição medial de palavra quanto em posição final. Em estudos sociolinguísticos o que tem se observado é que as mulheres tendem ao uso de formas inovadoras e de prestígio.

Quanto à idade, foi observado que em posição final de palavra os mais jovens tendem a usar com mais frequência a fricativa pós-alveolar (38,2%) em relação aos mais velhos (27%), uma vez que, como já foi visto, em posição medial a fricativa pós-alveolar é favorecida devido à presença de ambientes fonéticos condicionadores ([t] e [k]). Mais uma vez, percebe-se o caráter inovador dessa variante em Manaus já que os mais jovens, segundo estudos em Sociolinguística, têm essa característica.

Quanto à escolaridade, observou-se que, tanto em posição medial quanto em posição final de palavra, os informantes com nível superior (completo ou não) tendem à utilização da fricativa pós-alveolar em relação aos informantes com nível fundamental (completo ou não). O que se evidencia, mais uma vez, é que essa variante pode estar ganhando o *status* de variante de prestígio na capital do Amazonas, já que falantes com maior nível de escolarização tendem ao uso de variantes ditas padrão.

É importante salientar ainda que o resultado geral desta pesquisa corrobora para hipótese levantada por Cruz (2004) de que a microrregião do Rio Solimões utiliza mais a variante alveolar, conforme mostrou a análise dos dados dos informantes do município de Manacapuru (pertencente à microrregião do Rio Solimões).

Confere-se, dessa forma, as peculiaridades da Língua, que Cardoso & Ferreira (1994) elucidam no livro *A Dialetoлогия no Brasil: Metodologia do Trabalho Dialeto. Inquérito Lingüístico e Atlas Dialetoológico. Regionalismos Léxicos*:

é o resultado de um processo histórico, evolutivo, por isso não é unificada, por trás dela há inúmeras variações decorrentes da diversidade de seus usuários. A língua é um sistema, cuja concretização nos atos de fala aparece heterogênea, apresentando, assim, diferenças geográficas (diatópicas), sociais (diastráticas) e de estilo – situação formal, informal, etc. (diafásicas).

Resta, assim, aos estudiosos da linguagem, em especial aos dialetólogos e aos sociolinguistas, tentarem mostrar que é possível tentar organizar o “caos” que a princípio a língua parece ser. Como dizem Weinreich, Labov e Herzog (1968), a língua é uma heterogeneidade homogênea.

## REFERÊNCIAS

- BRESCANCINI, Cláudia Regina. *A representação lexical das fricativas palato-alveolares: Uma Proposta*. Revista Letras, n 61, Curitiba: UFPR, especial, 2003, p. 299-310.
- CALLOU, Dinah e MORAES, J. Antônio. A norma da pronúncia do S e do R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: *Diversidade linguística e ensino*. Org. Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CANOVAS, Maria I. F. Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /s, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala de salvador. In: *Diversidade linguística e ensino*. Org. Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 1991.
- CARDOSO, Suzana. FERREIRA, Carlota. *A Dialetoлогия no Brasil: metodologia do trabalho dialetal*. Inquérito linguístico e atlas dialetológico. Regionalismos Léxicos. São Paulo: Contexto, 1994.
- CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2 sem. 2004. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.
- MARTINS, Flávia Santos. *A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant*. XVI Congresso de Iniciação Científica da UFAM, 30 de julho a 3 de agosto, Manaus, 2007.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Sussekind de Medonça & Comp. [s.d.].
- SCHERRE, Maria Marta P. e MACEDO, Alzira T. Variação e Mudança: o caso da pronúncia do S pós-vocálico. In: *ABRALIN*. Associação Brasileira de Linguística. Nº 11, Junho/ 1991.
- SILVA NETO, Serafim da. *A língua portuguesa no Brasil*. Separata da Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa. vol. XXV. Lisboa: Editorial Império, 1960.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.